

Herança Filosófica I

Em meados do século XV, ocorreu na Europa um fenômeno cultural, que se denominou **Renascimento**, a princípio como manifestação caracteristicamente italiana, mas que, em seu desenvolvimento acabaria por estender-se a todo o continente europeu. Sua origem deve-se ao ressurgimento do interesse pela cultura greco-romana, induzindo nos pensadores e artistas da época a idéia de renovação cultural, através da redescoberta dos valores, artes, técnicas e filosofias do passado. Seus reflexos manifestaram-se de modo mais abrangente dentro destas áreas das artes, ciências e filosofia, tendo, contudo, efeitos sobre todas as manifestações humanas.

Dos fatores que mais contribuíram para a eclosão do Renascimento na Itália, podemos destacar a **preservação de um substrato das tradições romanas na região, adicionadas às influências do contato com a civilização**

Bizantina. Seu foco inicial foi a cidade italiana de Florença, onde a riqueza advinda do comércio começou a ser aplicada no desenvolvimento da cultura. Ali desenvolveu-se o **pensamento humanista**, exaltando a dignida-

Aula 3

Objetivos:

- Conhecer o panorama cultural e filosófico/religioso da renascença do século XV;
- Identificar as influências desses pensamentos na simbólica maçônica e em sua filosofia;
- Esclarecer vínculos entre Maçonaria e outras instituições, desfazendo mitos.

As referências históricas sobre o **renascimento** foram tomadas das coleções: História das civilizações, Vol III, Ed. Abril, p. 57-71; e A História em revista, Ed. Time/Life (1400-1500), 1991, pp. 43-59.

de do homem, com ênfase no mundo natural como sendo o reino humano por excelência. O **humanismo** exaltava o valor da vida ativa, em contraste com a monástica, contemplativa, enfatizada no período medieval.

Durante esse período a Maçonaria estava em sua fase operativa, isto é, as corporações construtoras estavam em franca atividade, conforme comentamos nas aulas anteriores. Arquitetos e engenheiros certamente foram influenciados pela efervescência cultural dessa época, e alguns símbolos e conceitos cultivados por grupos de intelectuais, filósofos e místicos foram mais tarde incorporados ao acervo da maçonaria especulativa, erigida sobre os alicerces das corporações construtoras na Inglaterra (ver aula 02). Algumas dessas linhas de pensamento têm sido apontadas, erroneamente, como constituindo forma incipiente de maçonaria especulativa, ou versão preliminar da Instituição, quando, na verdade, sua contribuição se restringe a alguns conceitos e símbolos.



*Para melhor esclarecer esses fatos, passaremos a comentar, nessa aula e nas duas seguintes, alguns dos principais movimentos culturais e filosóficos/religiosos desse período tão rico da cultura européia, procurando demonstrar que, mesmo exercendo alguma influência sobre o pensamento maçônico, esses movimentos, ou linhas de pensamentos tinham seu desenvolvimento e objetivos totalmente distintos daqueles que vieram a compor a **Maçonaria Especulativa**.*

O Renascimento Italiano produziu gênios da estirpe de **Leonardo Da Vinci** e **Michelangelo Buonarroti**, cujas obras perduram até nossos dias, despertando a mesma admiração responsável pela fama de seus autores em sua época. O espírito renascentista influenciou também o conhecimento científico. O mesmo Da Vinci, famoso pelos seus dotes como pintor, foi também um anatomista, arguto observador, dissecando cadáveres por conta própria, no afã de obter conhecimento origi-

Derivado do termo latino *Studia Humanitatis* (estudos da humanidade), o **humanismo** reforçava a necessidade de educação com objetivos seculares e não-eclesiásticos, como no milênio anterior. As disciplinas preferidas para o estudo eram a poética, retórica, história, ética e política, considerando o homem como a medida de todas as coisas.

nal, não advindo das afirmações de antigos autores tidos como sábios. Considerando-se um “discípulo da experiência”, Leonardo dizia:

“Quem numa discussão apela para a autoridade, não usa a inteligência, mas a memória.” (História em Revista, op. cit., p. 55)

Sua capacidade de observação era tal que os detalhes por ele observados e desenhados em seu trabalho **Código sobre o vôo das aves** só foram comprovados após o advento da fotografia com alta velocidade. Da Vinci dedicou-se também a projetos de máquinas de guerra, engenharia e estudos científicos, chegando até a propor o uso do vapor como força motriz¹.

Também conhecida de todos é a revolução produzida pelo trabalho de Nicolau Copérnico, deslocando a terra de sua posição milenar como centro do universo, apresentando o sol como centro do sistema. Até então, as concepções científicas, religiosas e místicas viam todos os astros descrevendo circunferências em torno da terra, considerada como

fixa. A astrologia partia deste ponto de vista, onde o sol e a lua eram considerados planetas, girando ao redor da terra, compondo com os outros até então conhecidos, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, o místico número sete, originando os conceitos dos sete céus e das sete esferas celestes, onde, segundo Aristóteles, cada um dos planetas estava incrustado. O mesmo Copérnico, contudo, reverenciava a figura de Hermes Trismegisto, mostrando uma ligação com o pensamento místico, que abordaremos adiante.

Em seu livro **Das Revoluções dos Corpos Celestes**, onde apresenta a teoria heliocêntrica, ele diz:

“Imóvel, no meio de tudo, está o sol. Pois nesse mais lindo templo, quem poria este candelheiro de ouro em melhor lugar do que esse, do qual ele pode iluminar tudo ao mesmo tempo? Pois o sol não é inapropriadamente chamado, por alguns povos, de lanterna do universo; de sua mente, por outros; e de seu governante, por outros ainda. [Hermes] o três vezes grande chama-o de um deus visível, e Electra, de Sófocles, de onividente.

(História das Civilizações, op. cit., p. 71. Ver também: Colin A. Ronan, História ilustrada da Ciência, Jorge Zahar, 1987, p. 15,16.)

A renomada historiadora, **Frances Yates** nos esclarece:

As palavras citadas por Copérnico vêm do tratado hermético conhecido como Asclépius, chamado assim porque consiste num diálogo entre Hermes e um discípulo chamado Asclépius, no transcurso do qual Hermes diz: O sol ilumina as outras estrelas não tanto pelo poder de sua luz como por sua divindade e santidade, e debes considerá-lo [o sol], oh Asclépius, como o segundo deus, que governa todas as coisas e esparge sua luz sobre todos os seres vivos do mundo, tanto os que têm alma, quanto os que não a têm. (Frances Yates, Giordano Bruno e a Tradição Hermética, Cultrix, 1964, pp. 176,177.)

As palavras de Copérnico refletem a conciliação feita pelo neoplatonismo renascentista, entre o pensamento hermético, platônico e o cristão.

Sobre o Hermetismo

Apesar da existência de focos de oposição ao cristianismo, a tendência geral do Renascimento desenvolveu-se no sentido de uma conciliação da cultura clássica com a cristã. Entre os problemas religiosos considerados relevantes, amplamente discutidos na época, estavam a função civil da religião e a tolerância religiosa.

Refletindo o espírito de valorização dos escritos antigos, algumas obras tiveram grande circulação e aceitação entre os sábios renascentistas, entre as quais destaca-se a literatura atribuída a *Hermes Trismegisto*.

Tido por uns como um antigo sacerdote egípcio, e por outros como encarnação do próprio deus Toth, do panteão egípcio, foi também considerado o mensageiro dos deuses, trazendo sua sabedoria aos homens, sendo por isso identificado com o Hermes dos gregos (o Mercúrio latino), que lhe deram o título de *Trismegisto*, três vezes grande.

Os comentários apresentados neste capítulo sobre o misticismo renascentista encontram sua maior referência nesta obra de **Frances Yates** e outras da mesma autora, que serão oportunamente citadas. Visando estudar o pensamento mágico que influenciou Giordano Bruno, Yates tece uma precisa descrição da ampla fundamentação hermética que permearia a filosofia e artes renascentistas, discutindo suas origens, e seus principais desenvolvimentos. Sua obra forneceu fartos subsídios para este trabalho. *Ver também*, da mesma autora, *Ensayos Reunidos III, Ideas e Ideales del Renacimiento en el norte de Europa*, Fondo de cultura Económica, México, 1993, pp. 379-386.

Sua obra aborda as chamadas ciências ocultas, sendo a parte mais importante da filosofia hermética encontrada no *Asclépio* e no *Corpus Hermeticum*.

Alguns estudiosos defendem a opinião que estas obras teriam sido escritas entre os anos 100 e 300 d.C., por autores desconhecidos. Frances Yates afirma que:

*...decerto não foram escritas na antiguidade remota por um onisciente sacerdote egípcio, como acreditavam os renascentistas, mas sim por vários autores desconhecidos, todos possivelmente gregos, e o que contêm é a filosofia grega popular de seu tempo, mescla de platonismo e estoicismo, combinado com influências hebraicas, talvez persas. (Frances Yates, **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**, Cultrix, 1964, pp. 14,15.)*

Os autores renascentistas tinham-no como um personagem histórico, encontrando apoio desta idéia mesmo em escritores cristãos, como Lactâncio² e Agostinho. Também o romano Cícero cita Hermes como tendo dado a lei aos egípcios, adotando o nome de Toth. Considerando a época em que Cícero viveu (106 - 43 a.C.), é necessário admitir

que pelo menos algumas das obras herméticas tinham origem pré-cristã. Agostinho coloca Hermes após a época de Moisés:

*Quanto à moralidade, ela não floresceu no Egito até o tempo de Trismegisto, que viveu muito antes dos filósofos e sábios da Grécia, mas depois de Abraão, Isaac, Jacob, José e Moisés; porquanto no tempo em que nasceu Moisés era vivo Atlas, irmão de Prometeu, um grande astrônomo, que foi avô pelo lado materno do mais velho Mercúrio, que gerou o pai deste Trismegisto. (Frances Yates, *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*, Cultrix, 1964, pp. 23, 24)*

O sábio italiano Marcílio Ficino foi o responsável pela tradução para o latim de 14 dos 15 tratados componentes do *Corpus Hermeticum* em língua grega, já que o último deles estava perdido. O governante de Toscana Cosme (Cosimo) de Médici incumbira Ficino da tradução das obras oriundas da escola platônica, mas quando um de seus agentes localizou os manuscritos herméticos na Macedônia e os trouxe para Florença, Cosme imediatamente mandou Ficino parar a tradução de Platão e dedicar seu tempo à versão da obra

hermética. Ficino era diretor da prestigiada Academia Platônica de Florença, onde existia grande acervo de originais gregos, sendo a precursora das academias italianas.

Sua tradução teve grande aceitação pelos eruditos de seu tempo. Dando-lhe o título de Pimandro, o qual fora atribuído originalmente apenas ao primeiro dos quinze tratados, Ficino a dedicou a seu patrono Cosme. Em seu prefácio, (Ibid., p. 26.) ele apresenta a lendária genealogia de Hermes já mencionada por Agostinho.

Como outros renascentistas, Ficino também considerava as obras herméticas anteriores aos clássicos gregos, e seus reflexos do pensamento platônico eram considerado como indicação da influência daqueles tratados sobre o sábio ateniense. O próprio Ficino era adepto do que chamava **magia natural**, a qual procurava atrair para os elementos materiais a virtude dos entes celestes, através do *spiritus mundi*, que permeia todo o universo. Em seu livro *De vita Coelitus Comparanda*, Ficino

se declara seguidor do pensamento de Plotino, que dizia:

Penso que aqueles antigos sábios, que buscavam assegurar a presença de seres divinos pela ereção de altares e estátuas, demonstraram uma percepção da natureza do todo; perceberam que, embora essa 'Alma do mundo' seja acessível em toda parte, sua presença será assegurada mais prontamente quando for elaborado um receptáculo apropriado, um sítio capaz de receber alguma porção ou fase dela, algo que a reproduza e sirva como um espelho para captar a sua imagem. (Ibid., p. 77.)

Outra obra atribuída a Hermes é o texto alquímico chamado *Tábua de Esmeralda*:

É verdade, sem mentira, certa e mui verdadeira:

O que está embaixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está embaixo; por essas coisas se fazem os milagres de uma única coisa. E como todas as coisas são e

provem do Um, pela mediação do Um, assim todas as coisas são nascidas dessa única por adaptação.

O sol é seu pai, a lua sua mãe. O vento carregou-o no seu ventre. A terra é sua matriz e seu receptáculo. O pai de tudo, ó Télemo do mundo universal, está aqui. Sua força ou poder continua inteiro, se converte em terra. Separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, suavemente, com grande indústria. Ele sobe da terra e desce do céu, e recebe força das coisas superiores e das inferiores. Terás por esse meio a glória do mundo, e toda a incerteza fugirá de ti. Ela é a força, forte de toda a força, porque ela vencerá toda coisa sutil e penetrará em toda coisa sólida. Assim o mundo foi criado. Dessa força sairão admiráveis adaptações, cujo meio é dado aqui. Este é o motivo pelo qual fui chamado de Hermes Trismegisto, por possuir as três partes da filosofia universal. O que eu disse da Obra Solar está completo.” (Joules Boucher, op. cit., p. 67,68. Ver também: Ana Maria Goldfarb, Da Alquimia à Química, Nova stella/Edusp, 1987,p.87.)

Este texto reflete a filosofia presente em toda a obra hermética, descrevendo uma harmonia existente entre o macrocosmos e o microcosmos.

Em muitos dos escritos herméticos, a divindade suprema é chamada de Deus Pai e o demiurgo criador do mundo, de “Filho de Deus”. Por esta razão, autores cristãos dos primeiros séculos consideravam Hermes como um profeta que teria previsto o advento de Cristo, e esta interpretação favoreceu a aceitação das idéias herméticas numa época ainda de pleno domínio do cristianismo medieval, apesar de conhecida a posição de Agostinho, rejeitando as fórmulas mágicas e os talismãs de Trismegisto, e atribuindo suas supostas profecias cristãs à inspiração demoníaca. O prestígio do “Legislador dos Egípcios” firmou-se de tal maneira que veio a servir de inspiração para muitos pintores renascentistas, sendo mesmo representado junto a Moisés no piso da Catedral de Siena, na Itália. Traduzidos para outros idiomas eu-

ropeus, os tratados herméticos difundiram-se pelo continente, sendo em toda parte considerados com igual reverência.

Um exemplo desta ‘interpretação cristã’ de Hermes reflete-se no comentário do autor francês Felipe Du Plessis Mornay:

Mercúrio Trismegisto, que (se os livros que se atribuem a ele são de fato dele, como na verdade são bastante antigos) é a fonte de todos os ensinamentos ministrados por toda parte: Que Deus é Um, que Um é a raiz de todas as coisas, e que sem aquele nada do que foi feito se fez; que o mesmo é chamado de único bom, e bondade em si mesmo; que teve o poder universal de criar todas as coisas...que a ele pertence o nome de Pai e de Bom . Chama-se a si próprio o Pai do mundo, o criador e o princípio... a ação do poder e o poder da ação. (Frances Yates, Giordano Bruno e a Tradição Hermética, Cultrix, 1964, pp.204)

Estas interpretações faziam uma leitura parcial de Hermes, ignorando seus ensinamentos sobre a ‘ciência da magia’.

Os escritos herméticos desenvolviam temas astrológicos, mágicos e alquímicos. Autores como Ficino e Cornélio Agripa contribuíram para divulgar a descrição hermética da correspondência astrológica dos planetas com os elementos a eles equivalentes na terra, com as fórmulas apropriadas para inserir em objetos materiais as influências astrais, tornando-os amuletos poderosos, assim como também as invocações dos anjos e outros seres transcendentes, cujo auxílio seria empregado pelo mago na obtenção de seus desígnios.

Ensinos Alquímicos

Os ensinamentos alquímicos da Hermética havia muito tinham conquistado o interesse do europeu culto. Os primeiros textos alquímicos chegaram à Europa através dos árabes, via Espanha mourisca. Os manuscritos árabes, por sua vez, constituíam-se de traduções e adaptações de originais gregos e caldeus, numa seqüência cuja origem é impossível determinar.³

Na Inglaterra destaca-se o nome de Roger Bacon, o qual incluía a alquimia entre as ciências naturais a que se dedicava, já no século XIII. Nascido na Inglaterra em 1214, Bacon estudou em Oxford e mais tarde tornou-se professor, existindo registro de sua atuação nas cátedras de Física e Matemática na Universidade de Paris⁴. Em 1247 Roger Bacon entrou para a Ordem dos Franciscanos, e dedicou a sua vida ao estudo das ciências naturais, das quais ressaltava o aspecto experimental. Em sua obra *Opus Tertium*, ele relata:

“Durante os últimos vinte anos, depois de abandonar os métodos usuais, tenho gasto mais de 2000 libras em livros secretos, em vários experimentos, em línguas, em instrumentos, em tabelas matemáticas.”⁵

Bacon considerava os metais como constituídos de proporções diferentes de chumbo e mercúrio, pensamento comum a todos os alquimistas:

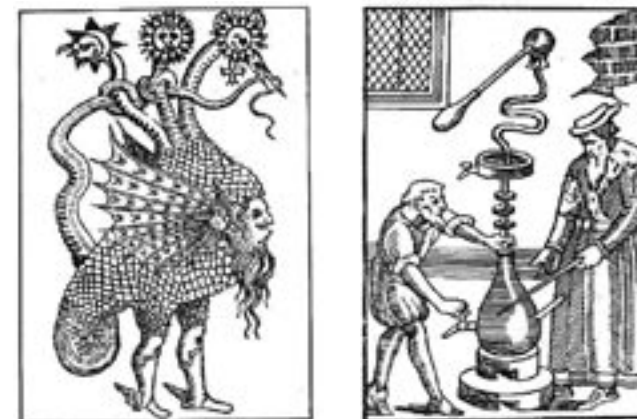
“Podemos reduzir um mineral imperfeito a um mineral perfeito... uma vez que o chumbo é uma espécie de prata que foi invadida pela do-

*ença mineral da humorosidade, maleabilidade, negrume e peso; quando estes forem postos à parte, teremos de volta novamente a prata boa e verdadeira.”*⁶

A idéia de que um metal possa se transformar em outro tem sua origem numa concepção que remonta à época da descoberta do processo de fusão dos metais, quando a formação destes era comparada a uma gestação ocorrida no interior da mãe-terra, onde, dependendo de sua maturação, seriam extraídos pelo homem nas consistências que vão do cobre ao ouro, considerado este último como produto acabado, perfeito.

Em 1317 o papa João XIII, em uma bula oficial condena e proíbe os ensinamentos alquímicos, considerados por ele uma fraude:

“Quando não encontram a verdade inventam-na. Atribuindo-se poderes que não têm, disfarçam sua impostura com discursos e finalmente através de truques enganosos fazem passar por ouro e prata aquilo que na verdade não o é.”⁷



Representação da “essência do mercúrio” de um manuscrito italiano do sec. XVI e Alquimistas trabalhando em seu laboratório.

Entendiam-se como objetivos principais da prática alquímica a transmutação dos metais, principalmente chumbo em ouro ou prata, através da *Pedra Filosofal*, e a obtenção da **Panacéia Universal**, o elixir da longa vida, que curaria todas as enfermidades.

Considera-se que a prática alquímica teria dado origem à química moderna, se bem que alguns autores sustentem que o objeto da transmutação procurada pelo alquimista era seu próprio ser, e esta alquimia interior, ao ser alcançada, produziria os efeitos da panacéia universal, conferindo a imortalidade.

Do Hermetismo à Cabala

Dentro do cenário filosófico renascentista, um nome tem projeção especial: Giovanni Pico della Mirandola.

O pensador florentino admitia a existência de uma magia perversa, diabólica, e, portanto **condenável** e outra boa, permitida, a *Magia Naturalis*, que procura a harmonia entre o céu e a terra. Superior ainda a esta última



De início interessado na magia natural de Ficino, Pico dedicou-se mais profundamente ao estudo do acervo do esoterismo hebraico constituído pela cabala. No ano de 1489 Pico viajou para Roma levando consigo o fruto de seu trabalho intelectual: 900 teses abrangendo todas as filosofias conhecidas, as quais, ele se oferecia para demonstrar em debate público, estavam em harmonia. À sua admirável capacidade intelectual ressalta-se quando lembramos que neste ano Giovanni Pico, nascido em 1463 na cidade de Florença, completara apenas seu 26º ano de vida.

Frances Yates, Giordano Bruno e a Tradição Hermética, Cultrix, 1964, pp.176, 177. p.100-138.

seria a magia cabalística, sem a qual nenhum estudioso poderia ser apropriadamente chamado de mago.

A visão que Pico de La Mirandola adquiriu da obra cabalística teve a influência dos mestres judaicos Elias Del Medigo e Johannan Alemano⁸, constituindo o que veio a ser chamado de Cabala Cristã. O jovem filósofo

Condenável: aquela invocadora de demônios e seus poderes, calcada nas invocações medievais de nomes de anjos, arcanjos de símbolos e letras atribuídas a Moisés e Salomão, tais como **As Clavículas de Salomão**,

italiano propunha-se harmonizar hermetismo, cabala e cristianismo, seguindo o que declarava em uma de suas teses:

“Não há ciência que nos ofereça a mesma segurança quanto à divindade de Cristo que a magia e a cabala.” (FRANCES. Yates, Op. cit. pp. 122-130)

Algumas das teses de Pico foram consideradas heréticas pelos teólogos romanos, levando o papa Alexandre VIII a designar uma comissão especial para examiná-las cuidadosamente. Os trabalhos da comissão apoiaram a opinião de que elas apresentavam conteúdo herético, e emitiram um laudo condenatório. Em 1487, Pico retratou-se perante a comissão, o que contribuiu para que fosse absolvido pela sua submissão, apesar de as teses permanecerem condenadas. O bispo Espanhol Pedro Garcia, membro da comissão que examinara as teses de Pico, publicou em 1489 uma contestação de suas afirmações, declarando que toda magia era “...perversa e diabólica, além de contrária à fé católica”.⁹

De volta da França, para onde havia fugido em busca de maior segurança, Pico ainda escreveu uma obra onde contestava as bases da astrologia, entre 1493 e 1494. Neste mesmo ano de 1494, Pico de La Mirandola faleceu em sua cidade de Florença, tendo vivido seus últimos anos de forma piedosa e ascética.

Vamos nos deter um pouco para examinar a escola de pensamento que tanta influência teve sobre a obra de De La Mirandola, **a cabala**.



Gershom Scholem traduz o significado da palavra **cabala** como **tradição**.

Tova Sender e A. D. Grad concordam com o significado **Recebimento**, do hebraico **Kabell** (receber). Sua grafia também varia com diferentes autores: **Qabalah, Kabbalah**, mas todas se referem à antiga filosofia religiosa hebraica.

Com relação à origem da cabala, não há também uniformidade de pensamento.

Há quem diga que ela existiu antes da criação do mundo, ensinada por Deus aos anjos, que a transmitiram a Adão.

Outros afirmam que surgiu com os patriarcas bíblicos, outros ainda que teria sido dada por Deus a Moisés juntamente com a Lei.



Os autores modernos associam sua origem aos seus escritos mais antigos, entre os séculos I e II de nossa Era, quando teria surgido na Palestina o Zohar, o livro do esplendor, atribuído à autoria do rabino Simeon Bar Yo'hai. O pensamento cabalístico tem seu surgimento e evolução dentro da cultura hebraica, que a qual alcançou a Europa através da Espanha. O estabelecimento de colônias judias na Espanha iniciara-se ainda durante o domínio do Império Romano, alcançando prosperidade também sob os bizantinos. Entre os séculos VII e XI a harmonia reinante nas colônias espanholas começou a ser abalada; os reis visigodos, então governantes da Península Ibérica, adotaram o cristianismo, trazendo com ele as sementes do anti-semitismo. (Paul Johnson, *A história dos judeus*, Imago, p. 185.) Foram criados conselhos eclesiásticos que procuravam impor o cristianismo aos judeus, forçando-os ao batismo, proibindo a circuncisão e outros ritos judaicos e cobrando impostos escorchantes dos filhos de

*Abraão. Data dessa época o surgimento do marano, o judeu forçado a se converter. Muitos procuravam ocultar sua origem racial, na tentativa de escapar às perseguições, que freqüentemente levavam à prisão e à morte. Dentro destas circunstâncias, não é de se admirar a recepção positiva da invasão dos muçulmanos, de 711, pela comunidade judaica, já que estes, a princípio, eram mais tolerantes que os cristãos. No reinado de vários governantes islâmicos muitos judeus conseguiram posição de destaque, como o médico Hisdai Ibn Shaprint, da corte de Abd Al Rahman II (912-916) (Paul Johnson, *Ibid.* p. 186.) Al Rahman reuniu eruditos, filósofos, poetas e cientistas de várias regiões, tornando Córdoba o principal centro de cultura judaica da época.*

Por vezes os islamitas também praticavam o anti-semitismo, como sob a dinastia dos Al-mohads, a partir de 1146, quando os judeus eram forçados a converter-se ao islamismo, proibidos de comerciar e forçados a usar túnicas amarelas como meio de identificação.

Fugindo dessa perseguição, a família de Moisés Bem Maimon (Maimônides), nascido em 1135, emigrou para a África, estabelecendo-se

em Fustad, subúrbio do Cairo. Maimônides veio a tornar-se um médico, erudito e filósofo. Era possuidor das três características consideradas importantes no judaísmo da época: de família erudita, tivera êxito comercial, e ele próprio possuía grandes conhecimentos. Suas obras chegaram até nossos dias graças a um antigo costume judaico, conforme se acha registrado no livro **A História dos Judeus** de Paul Johnson:

“Todas as sinagogas possuíam uma sala chamada guenizá, a sala era usada para guardar velhos objetos rituais e livros de orações que não eram mais utilizáveis, mas que, de acordo com a lei dos judeus, não poderiam ser destruídas porque continham o nome de Deus.”

Em uma destas salas, Salomão Schichter, no final do século XIX, recuperou 100 mil páginas manuscritas de autoria de Maimônides, preservadas pelo clima seco do Egito. Sua vasta obra abrange tratados sobre ótica, sobre o calendário, comentários sobre a mishná, medicina, história natural, botânica e zoologia. Na medicina, foi especialista em doenças

psicossomáticas, a que um antigo dito em árabe faz referência:



“A medicina de Galeno é apenas para o corpo, mas a de Maimônides é tanto para o corpo como para a alma.” (fonte)

Ele foi o codificador da lei talmúdica*, em 14 volumes, enquanto ocupava as funções de juiz, chefe da comunidade judaica do Egito. Em 1185 escreveu sua famosa obra **Guia dos Perplexos**, em três volumes, estabelecendo os fundamentos da teologia e filosofia do judaísmo. O sábio judeu procurava apoiar a fé através do desenvolvimento de uma filosofia racionalista, onde interpretava a figura dos anjos como representando a faculdade imaginativa dos profetas, e *querubim* como um símbolo do intelecto. **Paul Johnson** comenta o desagrado causado por esta abordagem aos judeus tradicionalistas:

“Havia muitos judeus instruídos na época que temiam a direção para a qual Maimônides estava levando o judaísmo. Na Provença, onde o cristianismo era dilacerado pela heresia albigense e

PAUL Johnson. **A História dos Judeus**, Imago, 1995, p.185. O autor traça um magistral panorama da cultura e história judaica, desde os tempos bíblicos até a nossa época. Seus comentários sobre os sábios judeus que contribuíram para o desenvolvimento da Cabala foram muito valiosos para este trabalho

PAUL Johnson. **A História dos Judeus**, Imago, 1995, p.192.

onde se forjava o instrumento da inquisição dominicana para impor a ortodoxia, muitos rabis queriam que as autoridades judaicas adotassem uma abordagem semelhante. Eles detestavam a explicação alegórica que Maimônides dava à Bíblia e queriam que seus livros fossem proibidos.”

Em 1232 os dominicanos intervêm nessa disputa, confiscando e promovendo a queima de tantos escritos judaicos quantos podiam encontrar, sob a alegação de serem demoníacos.

*Curiosamente, o filho de Maimônides, Abraão, desenvolveu uma abordagem oposta à escolhida por seu pai, publicando sua obra *Guia Completo Para os Devotos, contra o racionalismo*. Abraão tornou-se conhecido como *Rosh Kol Ha-Hasidim* - o chefe de todos os pietistas.¹⁰*

Apesar da condenação bíblica da feitiçaria, no substrato místico popular desenvolviam-se encantamentos e invocações de anjos e demônios, com a proliferação de amuletos compostos por letras dos nomes de determinados anjos. Essa manipulação mágica das letras dos nomes se-

*cretos de Deus e dos anjos era conhecida como **Cabala Prática** e deveria ser restrita apenas a homens de grande estatura espiritual, mas sua prática era comum entre o povo, na busca de amuletos e proteção transcendente contra as agruras do mundo material.*

A **Cabala** veio a significar o corpo de ensinamentos esotéricos dado a poucos, uma maneira de adquirir conhecimento de Deus por meios não racionais, transcendentos, fundamentados nos capítulos 8 do Livro de Provérbios e 28 do Livro de Jó, que exaltam o significado e valor da sabedoria como dom de Deus, apresentando, através de metáforas e analogias, a sabedoria como força viva, criativa de Deus, sendo a chave para o conhecimento do próprio Criador e do universo. Até o Talmude incluía elementos esotéricos que davam margem às interpretações cabalísticas. Alguns eruditos opinam serem estes elementos derivados de fontes persas, inseridos no pensamento judaico durante o exílio babilônico, enquanto outros os consideram oriundos do **gnosticismo grego**. Na opinião de Johnson¹¹:

Cabala (palavra oxítona), doutrina recebida ou tradição.

“O gnosticismo, ou a ciência dos secretos sistemas de conhecimento, é um fenômeno parasítico extremamente insidioso, que se prende como uma erva venenosa ao tronco saudável de uma religião maior.”

O judeu Filo, (30-45 a.D.) em sua obra *De Vita Contemplativa*, já descrevia uma seita chamada **Os Adoradores de Deus**, os quais haviam desenvolvido a teoria da Torá como um corpo vivo. Muitos autores tomavam pseudônimos de Enoc, Moisés, Baruc e escreviam sobre anjos, demônios, o inferno, o céu e o final dos tempos, numa escatologia típica da época, encontrada também entre os monges de Qumram.¹² Uma destas obras, o **Livro de Enoc**,¹³ apresenta uma descrição de Deus em seu trono, inspirada no capítulo primeiro do livro do profeta Ezequiel, a qual gerou toda uma escola de místicos interessados no estudo da *Merkbá* (o carro triunfal). Esta escola descrevia os anjos diante do carro triunfal do Divino, o fogo descendo do alto e a ascensão da alma do devoto mediante o êxtase. Estes ensinamentos eram:

“...transmitidos às ocultas para discípulos especialmente escolhidos que tinham que revelar qualidades especificadas, possuir certas características no rosto ou ter palmas das mãos que satisfizessem os quiromantes.¹⁴”

Os livros dos primeiros séculos da era cristã tratavam de magia, da comunicação direta com Deus e informações sobre Deus e o paraíso. O Shi'ur Qoma, medida do corpo divino, interpretava o Cântico dos Cânticos como uma alegoria do amor de Deus por Israel. Dele são tirados os nomes sagrados de Deus e as dimensões de seu corpo. Maimônides denunciou o texto como uma fraude originada de pregadores bizantinos.

Existem registros históricos¹⁵ indicando a presença de judeus cabalistas na região do Langedoc, no sul da França, em meados do século XII. Os judeus eram bem aceitos nas comunidades que praticavam o catarismo, dominante na região. Em Lunel e Narbone existiam escolas dedicadas ao estudo da Cabala, num clima de tolerância religiosa inco-

num para a época, onde conviviam o pensamento hebraico, islâmico além de variações do pensamento cristão. Esta mentalidade eclética foi uma das causas que levaram à destruição da civilização daquela região. (*ver Catarismo* na pág. 55)



O Grande Arquiteto do Universo em seu trabalho de criação do mundo.
Ilustração de um Bíblia francesa do século XVIII

Dessa época ressalta-se o nome de Abraão Ben David, morto em 1198, em sua época

a maior autoridade em cultura talmúdica na França. Abraão Ben David, ou Rabad, em seus escritos contestava as idéias de Maimônides, expressas no seu Mishné Torá, refletindo a independência de pensamento desenvolvida pelos místicos provençais, que sob influência do platonismo elaboraram teorias filosóficas próprias. Isaac, o Cego, filho de Abraão (1160-1235), produziu uma variação da cabala, fundamentada nos 10 *sefirot* ou atributos de Deus, e a teoria de que toda a criação nada mais é que um fenômeno lingüístico, a materialização da linguagem divina, refletindo conceitos platônicos do *logos*, reformulados em termos da Torá¹⁶.

A cabala mística difundiu-se para a Espanha, sendo seus principais centros divulgadores Burgos, Gerona e Toledo. Uma de suas exposições encontra-se na obra do espanhol Judá Halevi (1075-1141), um conjunto de 800 poemas onde enfatizava que o raciocínio dedutivo não substitui a experiência direta com Deus. Com Moisés Ben Nahaman, chamado também Namânides ou Ramban (1194-1270), esta versão cabalística alcançou sua maior expressão. Segundo Paul Johnson¹⁷.



“A cabala introduziu no judaísmo conceitos gnósticos que eram totalmente estranhos ao monoteísmo ético da Bíblia.”

Entre 1210 e 1260 destaca-se a figura de Moisés Ben Nachman (Nachmânides), autor dos comentários sobre o *Sepher Yetsirah*. Ele contestou a validade da obra de Maimônides, **o Guia dos Perplexos**. Também deste século são os 26 tratados cabalísticos de Abraão Abulafia, responsável por 22 obras proféticas

Após a dispersão espanhola da década de 1490, a cabala cresceu, alcançando o conhecimento público com a difusão de manuscritos contendo porções do *Zohar* pelas comunidades judaicas.

“As expulsões espanholas tornaram a própria cabala dinâmica, acrescentando-lhe um elemento escatológico concentrado na idéia do Sião e no advento do Messias. A cabala e seu crescente volume de acréscimos supersticiosos deixou de ser uma maneira mística de conhecer Deus e se tornou uma força histórica, um meio de acelerar a redenção de Israel. Ela entrou no próprio centro da crença judaica e assumiu algumas caracte-

ísticas de movimento de massa.” (PAUL Johnson. A História dos Judeus, Imago, 1995, p.206. Ver também Gershom Sholem, op. cit., p. 30)

Moisés Bem Jacó Cordovero, ou Remak (1522-70), foi o responsável pelo desenvolvimento da primeira teologia sistemática da cabala. Um outro célebre erudito cabalista foi Isaac Bem Salomão Luria (1534-1577).



Há-Ari, O Leão, como ficou

conhecido, publicou apenas uma obra, **os Comentários sobre o Livro da Dissimulação**, no *Zohar*. Conta-se que, após passar um ano meditando em uma ilha no Egito sobre o *Zohar*, ele passou a divulgar sua doutrina. Seus alunos, reunidos em Safed, memorizavam seus ensinamentos e mais tarde os escreveram. Após sua morte uma série de lendas foi associada ao seu nome, relatando milagres e sua subida ao céu. Lúria ensinava a seus alunos técnicas de meditação através da concentração sobre os nomes divinos, dentro do pensamento cabalístico de que as letras da Torá constituem em si mesmas vias de comunicação direta com Deus.

Há-Ari: Johnson argumenta que a cabala é uma religião panteísta, citando como exemplo o *Sepher Há Zohar*, escrito na década de 1280 por Moisés Ben Shemtov, que diz ser “uma heresia da espécie mais perniciosas.”

Em sua cosmovisão, a situação social e política dos judeus refletia o desequilíbrio existente entre as várias camadas constituintes do universo. Através da obediência estrita à lei, os judeus poderiam influir decisivamente na restauração do equilíbrio, preparando as condições para a vinda do Messias. Esta compreensão particular do papel do povo judeu nos eventos cósmicos tornou-se fonte de uma interpretação messiânica do que acontecia com as comunidades judaicas e facilitou o surgimento de vários messias autoproclamados. Os ensinamentos de Luria, chamados Cabala Luriânica, foram divulgados publicamente por dois de seus discípulos: Hayyim Vital e José Ibn Tabul. Sua expansão e aceitação pelas comunidades judaicas da Turquia, Balcãs e Europa Oriental foi sendo firmada nos séculos XVI e XVII.

A Cabala dedica-se ao estudo das emanções divinas, os *Sefirot*, em número de dez, e o desdobramento da linguagem divina refletida nas 22 letras do alfabeto hebraico. Neste alfabeto todas as letras podem ser composta a partir de uma, o *iod* (י). Se uma letra gera todas as outras,

que por sua vez geram todas as palavras, referentes a tudo o que existe, conclui-se que toda a realidade tem uma origem comum, pois:

“As letras e nomes não são apenas meios convencionais de comunicação, são muito mais. Cada um deles representa uma concentração de energia e exprime uma riqueza de significados que não pode ser traduzida, não plenamente pelo menos, em linguagem humana.” (PAUL Johnson. *A História dos Judeus*, Imago, 1995, p.270, 271).

O estudo da cabala tradicionalmente só é permitido aos homens com idade superior a 40 anos, por **duas razões**:

- **A primeira** é a necessidade de um profundo conhecimento prévio do Antigo Testamento, especialmente a Torá (o Pentateuco) e seus comentários,
- **A segunda** razão é a necessidade de existência de vínculos fortes com o mundo material, tais como relações de família e emprego, para evitar que o estudante seja compulsivamente atraído pelo universo cabalístico, perdendo o interesse pelo mundo comum.

Os cabalistas não colocam os escritos de seus mestres no mesmo nível da Torá. Na verdade admite-se que cada revelação se encontra em um nível inferior à anterior. Assim, os rabinos não costumam atribuir a origem de suas idéias à revelação direta de Deus, mas consideram-se inspirados por Elias. Suas concepções são *guiliu Eliahu*, revelação do profeta Elias.¹⁸

Os principais estudos desenvolvidos pelos cabalistas estão relacionados com o Livro de Gênesis onde se revela a cosmogonia, a história da criação em suas origens, e o livro do profeta Ezequiel, com a narrativa da carruagem divina, a *Maasse Mercabah*, e do trono de Deus. Indícios fragmentários parecem indicar que essas doutrinas já eram conhecidas¹⁹ entre os séculos I e II. Outro texto bíblico de importância igual aos dois primeiros é o **Cântico dos Cânticos**, onde a interpretação encontra um resumo da criação e dos eventos que se seguiram, com os patriarcas, a libertação da escravidão no Egito, estendendo-se até o final dos tempos. Complementando os textos bíblicos estão O Livro da Formação, *Sepher yetzirah*, e O Livro do Esplendor, *Sepher Há - Zohar*.

Dentro do método cabalístico existem quatro possíveis níveis de interpretação das escrituras bíblicas, que são²⁰:

1. **Pshat**, abordando o texto segundo seu aspecto exterior, literal, tomando as histórias como simples descrição das ocorrências;
2. **Remez**, procura o sentido alegórico, o significado por trás do evento, da figura, da descrição;
3. **Drash**, ressalta os ensinamentos contidos no texto, e as lições que dele se podem induzir para a vida humana, e por último,
4. **Sod**, o segredo, que procura desvendar o sentido oculto, num nível profundo de interpretação, acessível apenas a quem dispuser das chaves interpretativas.

É dentro deste último nível onde encontramos a **guematria**, método interpretativo relacionando o valor numérico das letras, o qual inspirou o desenvolvimento da numerologia no mundo ocidental.

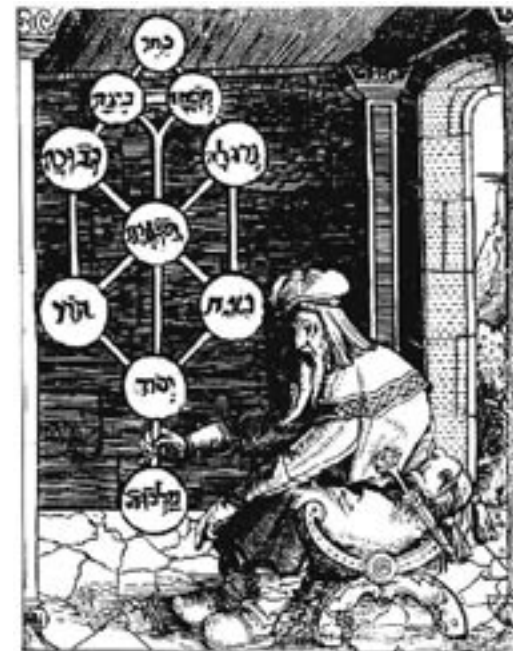
Os exemplos encontrados na literatura nos mostram as espantosas coincidências obtidas através deste método, numa indicação clara da existência aqui de algo além do mero acaso. Por exemplo, a palavra hebraica para *ano*, é SHNH, produzindo a soma numérica de 355, que corresponde ao ano lunar; a palavra correspondente a *gravidez*, HRYON, soma 271, correspondendo a 9 meses lunares.²¹ Também a frase hebraica **YHVH ELoHeI ISRaEL** tem o mesmo valor numérico que **MoShe Ra-BeINU**, 613, significando que “Deus de Israel transmitiu a Moisés, nosso mestre, os preceitos da Torá, num total de 613.” Outros dois processos unem-se à guematria, que são:

1. O *Notarikon*, que estuda as letras iniciais e finais das palavras,
2. A *Temourah*, que desenvolve as permutações das letras nas palavras, procurando as possíveis correspondências.

A representação gráfica popularmente conhecida como emblema da cabala é a **Árvore da Vida**,

digrama simbólico das dez *sefirot* em sua inter-relação. Os caminhos para o conhecimento do homem, do universo e de Deus estariam nela sintetizados, e, apesar de amplamente comentada na literatura posta ao alcance do público, sua compreensão profunda só é alcançada por meio do aprendizado pessoal de um discípulo com um autêntico mestre cabalista.

Na sistematização de certos graus maçônicos, notadamente do Rito Escocês Antigo e Aceito, fez-se uso de certos símbolos e conceitos cabalísticos na composição de suas alegorias. Também muitos personagens componentes dessas alegorias foram extraídos do texto bíblico, principalmente do Antigo Testamento, contudo, isso não faz da Maçonaria derivação do Judaísmo, ou escola de cabala. Aqueles símbolos e personagens foram utilizados na composição de dramas ritualísticos, característicos de cada grau, veiculando específica mensagem maçônica, por vezes completamente distinta da interpretação associada a eles em suas fontes originais.



Cabalista judeu medita através da “árvore da vida”.

Bem, nesta aula você teve a oportunidade de conhecer o panorama cultural, filosófico e religioso da renascença do século xv. Foi uma aula em que discutimos também as influências desses pensamentos e filosofias na maçonaria.

Finalmente você entendeu que, ao desfazermos vários mitos, pudemos esclarecer os vínculos entre a maçonaria e as outras instituições.

É isso! Espero você na próxima aula!

CATARISMO

No início do século XIII, no sul da França, na região conhecida como Langedoc, área montanhosa a nordeste dos Pirineus, ocorreu um massacre de imensas proporções, fruto da intolerância religiosa associada a interesses político/financeiros – a cruzada Albigense, que se prolongou por cerca de 40 anos. Essa região destacava-se do resto da Europa da época pela cultura e tolerância. Ali conviviam os estudos dos clássicos gregos com obras em árabe e hebraico; o pensamento islâmico, o cristão, juntamente com o esoterismo hebraico da cabala, importado da Espanha através dos Pirineus. O estudo intenso das culturas árabe e hebraica desenvolveu-se em paralelo a um abandono da região pela igreja romana; existem registros de algumas igrejas onde se passaram cerca de 30 anos sem que fosse rezada uma missa e fala-se também de um arcebispo que em toda a sua vida nunca visitou sua diocese. A Igreja comportava-se à época como qualquer instituição mundana corrompida, com tráfico de influências, vendas de cargos e posições na hierarquia eclesiástica, não sendo vista com bons olhos pelo povo da região. Os albigenses, (nome derivado da cidade de Albi, um dos centros do Langedoc) já haviam sido condenados em 1165 por um conselho eclesiástico por causa de suas doutrinas *sui generis*, consideradas heréticas por Roma.

O termo *cátaro* é derivado do grego *Katharós*, que significa “puro”. Albigenses, cátaros, patarines, eram

designações genéricas, não representando qualquer pensamento unificado, mas sim um conjunto de seitas firmemente estabelecidas no Langedoc, iniciando sua expansão para outras regiões da Europa. Estas seitas tinham contudo, alguns pontos comuns: rejeitavam a fé pregada pela igreja católica, fundamentada em uma tradição avalizada pela hierarquia sacerdotal cuja autoridade faziam remontar aos apóstolos e ao próprio Cristo. Negavam as doutrinas da Trindade e do nascimento virginal, do purgatório e da condenação eterna num inferno de fogo.

Os cátaros consideravam a possibilidade do contato direto e pessoal com a divindade, obtendo assim um conhecimento (gnosis) independente daquele transmitido por via sacerdotal, e muitas vezes com ele conflitante. Adotavam o dualismo maniqueísta, considerando toda a existência como um palco onde se desenvolvia a eterna luta do bem contra o mal, da luz contra as trevas. À semelhança do Mazdeísmo de Zoroastro, acreditavam num deus bom, criador da luz e da realidade espiritual e de outro mau, criador das trevas e da matéria, que era assim intrinsecamente má. Sua pregação insistia na renúncia da matéria, propondo uma vida fundamentada num extremado rigor ascético. Algumas destas seitas consideravam Jesus como simples profeta, e outras, que ele nem mesmo teria sido humano, mas sim incorpóreo, não participante da matéria e, portanto, não poderia ter sido crucificado. Acres-

cia-se a estes postulados não ortodoxos a crença na reencarnação. O catarismo era uma reedição compactada dos vários movimentos gnósticos cristãos dos primeiros séculos de nossa era²⁶. Em geral sua organização apresentava uma hierarquia onde a posição superior era ocupada pelos chamados *perfeitos*. Estes se dedicavam à vida ascética, homens e mulheres fazendo voto de castidade e dedicando-se a propagar suas doutrinas. Os que estavam em posição inferior podiam casar-se e ter uma vida mais próxima do que consideramos normal.

O assassinato de um embaixador do papa Inocêncio III, enviado em 1208 àquela região, por pessoas desconhecidas, desencadeou a ação de represália da igreja romana contra a heresia cátara. Com o apoio dos barões do norte que invejavam a riqueza e prosperidade do Langedoc, formou-se um exército de 30 mil homens, que invadiu a região. Uma a uma as cidades foram caindo, vilas e colheitas destruídas, reduzindo a região à desolação. É significativa a resposta do representante do papa, frade Arnaud Amalric, à pergunta de um oficial, desejando saber como poderiam diferenciar os hereges dos crentes verdadeiros: *Mate-os todos, Deus reconhecerá os seus*. E assim foi feito. Todos foram mortos, homens, mulheres e crianças. A última fortaleza a ser capturada foi Montségur. Após um cerco de dez meses, rendeu-se em março de 1244, pondo fim à “execrada heresia cátara”.